

Eros

Após nos dedicarmos no número anterior ao tema *Thanatos*, cujas questões implicadas têm sido bastante discutidas atualmente em função da exacerbação de manifestações de violência e intolerância, nos mais variados contextos clínicos, sociais e políticos, nacionais e internacionais, fica evidente a natureza imperiosa dos instintos humanos, essencialmente animais, observáveis no decorrer do tempo e da história em sua característica de “compulsão à repetição”, aprisionando a mente em vícios, ainda que em alternância a movimentos criativos que trazem aprendizado e desenvolvimento.

Como sugerido na carta-convite (reproduzida a seguir), uma abordagem epistemologicamente coerente para se pensar a clínica e as teorias psicanalíticas, particularmente quando dinâmicas de descargas sobressaem, não deveria prescindir do modelo original de sonho e de mente de Freud (1900/1990a), em que fica claro que é justamente a impossibilidade de sonhar a principal disfunção psíquica que caracteriza a psicose e outros quadros com fenômenos destrutivos associados.

O aspecto primitivo e instintual inerente aos relacionamentos humanos e que se apresenta por meio de *actings* contrasta gritantemente com os sofisticados níveis de conhecimento tecnológico alcançados pela ciência, incluindo a “ciência-arte” chamada psicanálise. *Eros* e *Thanatos* em permanente pulsar configuram paradoxos, cisões, desconexões, reconstruções, reconexões, criações, avanços, retrocessos, aprendizados, continuamente...

O método psicanalítico pressupõe um tipo de observação clínica extremamente sutil, uma atenção refinada e flutuante aos fenômenos não sensoriais, com disponibilidade para experiências emocionais não necessariamente agradáveis, proporcionando uma espécie de hackeamento do campo intersubjetivo da dupla analítica, para sua maior visibilidade. O equipamento para investigar é a própria mente do analista, o que obviamente requer treinamento intensivo, como em qualquer pesquisa, mas com a peculiaridade de o investigador se incluir como objeto no campo observado. Nesse sentido, a análise pessoal do psicanalista é reconhecida como um compromisso central para seu aprimoramento metodológico – compromisso individual e, também, das instituições de formação em psicanálise.

Passados cem anos da publicação de “Além do princípio de prazer” (Freud, 1920/1990b), talvez possamos nos perguntar se o conceito de pulsão de

morte, com toda a sua impetuosidade e conseqüentes controvérsias, não estaria relativamente subestimado em sua aplicabilidade clínica, um pilar metapsicológico que poderia ser ainda melhor instrumentalizado tecnicamente. O princípio de prazer é concebido como fator determinante de evasões quando há desconforto e fragilidade emocionais, um processo inconsciente primário que avança intersubjetivamente em inescrupulosa destrutividade e que pode passar despercebido até que o estrago se concretize, geralmente tarde demais. O princípio de realidade, por sua vez, promove a tolerância, a continência, a capacidade de autopercepção, o processamento e a simbolização de emoções difíceis de suportar, captando-as do ponto de vista dos sentidos da linguagem estética e verbal e da temporalidade.

Enfrentando a contradição entre a sofisticação dos conhecimentos conquistados pela ciência e a brutalidade com a qual a estupidez humana se expressa, pesquisas recentes na área de neurofisiologia indicam um extraordinário reencontro da psicanálise com seu vértice somatopsíquico. Próximo a nós, o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro publicou o livro *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019) que focaliza a evolução da linha de pesquisa neuropsicológica inaugurada por Freud e que permaneceu ignorada pela neurociência durante décadas.

No livro vemos como o sul-africano Mark Solms¹ é uma importante referência, a quem tivemos a oportunidade de entrevistar em 2018.² Ele se baseou em pesquisas laboratoriais sobre o sistema dopaminérgico de recompensa e punição na gênese do sonho, cuja validação já consolidada entre estudiosos da área representa uma verdadeira refutação ao famoso ataque de Pooper a Freud, revelando que as proposições psicanalíticas são testáveis.

É curioso o relato da experiência pessoal de Ribeiro com os próprios sonhos, incrementada de maneira natural e espontânea durante o início de seus estudos de doutorado na Universidade Rockefeller em Nova York. Nesse período teve que lidar com uma sonolência surpreendente, arrebatadora, ao ponto de até suspeitar de alguma autossabotagem, uma vez que sua presença nas atividades acadêmicas ficou comprometida. No entanto, as elaborações decorrentes desse mergulho onírico inevitável lhe permitiram compreender melhor a função de aprendizagem do sonhar, despertando forte motivação para resgatar

1 Psicanalista e neurologista, chair do Comitê de Pesquisa da International Psychoanalytical Association (IPA).

2 “Entrevista com Mark Solms”, realizada em 26/4/2018 na sede da SBPSP, pela equipe do *Jornal de Psicanálise*, 51(94), 51-60.

o legado freudiano: “Sempre que a vida pede alterações no *software* cerebral, cabe ao sono fazer a reprogramação” (Ribeiro, 2019, p. 222).

A revisão detalhada dos principais experimentos sobre as fases do sono (ondas lentas e sono REM), plasticidade sináptica, processamento de memórias (visual, olfativa, auditiva etc.), efeitos de psicofármacos, entre outros, associada ao rico apanhado de estudos culturais elucidativos da função simbólica do sonho, leva o autor à construção de um modelo de funcionamento do cérebro que agrega inúmeras evidências neurofisiológicas às proposições sintetizadas por Freud no sétimo capítulo do clássico “A interpretação de sonhos” (1900/1990a). É notável a criatividade científica a serviço da humanização, da integração de saberes necessários à qualidade de vida.

O enfoque proposto para este número do *Jornal de Psicanálise* decorre do interesse por tais processos criativos que se revelam sintonizados com a vida, a ética e a afetividade, processos secundários, função alfa na terminologia bioniana, enfim, dinamismos relacionados à função sonhante/pensante da mente, reunidos em torno do tema *Eros*.

Na seção temática contamos com colaborações sensíveis tanto em relação à complexidade de situações clínicas variadas, como em formulações teóricas apresentadas de modo consistente e didático.

Dando continuidade à parceria com a Divisão de Documentação da SBPSP, um artigo de Virginia Leone Bicudo mais uma vez é selecionado, dada a atualidade das reflexões da fundadora deste *Jornal* sobre interferências da realidade social na escuta analítica.

Na seção “Diálogo com um jovem colega”, Marta Foster e Miriam Altman atualizam o debate sobre a formação nos Institutos de Psicanálise, numa perspectiva conceitual que vem se desenvolvendo nos últimos seis anos pelo Grupo de Estudos sobre Formação (GEF), da SBPSP.

A Associação dos Membros Filiados do Instituto da SBPSP é representada na respectiva seção com o artigo de Cibele Amaro Pires Rays, em que as vicissitudes do processo de tornar-se analista podem ser consideradas por quem o vivencia diretamente.

Nas seções “Interface com a cultura” e “Notas internacionais” encontram-se trabalhos que abordam a clínica psicanalítica levando em consideração relevantes variáveis culturais. A liberdade para pensar criativamente sobre questões metapsicológicas complexas pode ser observada nos artigos da seção “Tema livre”.

“Eros e Afrodite” é o título do texto de Michel Bálint, apresentado em Budapeste em 1936, oportunamente resgatado para a seção “Tradução”, precedido por instigantes comentários de Marina F. R. Ribeiro e Péricles Pinheiro Machado Jr.

Para concluir esta edição, Paula F. R. da Silva assina a resenha de uma obra valiosa, recentemente lançada no Brasil pela Editora Blucher, sob a organização de Alexandre Socha: *Melanie Klein: autobiografia comentada*.

Sabemos que, de certa forma, a escrita em psicanálise sempre envolve dimensões autobiográficas, especialmente quando a clínica é valorizada como fonte de conhecimentos. Sem olhar para dentro de si, não há como operar o método psicanalítico e publicar teorias próprias desprovidas de algum nível de exposição pessoal, o que frequentemente gera inibições. Trata-se, portanto, de um verdadeiro desafio, por isso agradecemos a disposição dos autores aqui presentes, esperando que suas contribuições sejam proveitosas e estimulantes para quem ainda pretende apresentar-se neste espaço de compartilhamento.

Um ótimo 2020, com a prevalência de *Eros*!

Referências

- Freud, S. (1990a). A interpretação de sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vols. 4-5, pp. 1-566). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1990b). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Ribeiro, S. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (1.ª Ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Ana Clara Duarte Gavião
Editora
jornaldepsicanalise@sbpsp.org.br